CIÊNCIA POLÍTICA

GT 5: TEORIA E PENSAMENTO

Sessão 2: Teoria Política

FLORESTAN FERNANDES E A CIÊNCIA POLÍTICA NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DE A REVOLUÇÃO BURGUESA NO BRASIL

Thiago Pereira da Silva Mazucato¹⁰⁴ – UFSCar

t.mazuca@gmail.com

Fomento: CAPES

A trajetória intelectual de Florestan Fernandes coincide com o período de forte institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, através de sua presença em duas instituições que surgem nos anos 1930: a Universidade de São Paulo e a Escola Livre de Sociologia e Política e do conjunto de sua obra (incluindo os manuais e obras teóricas). Através de seus trabalhos as Ciências Sociais no Brasil conseguiram um maior rigor científico na delimitação de seus objetos, métodos e teorias. Contudo, principalmente no período dos anos 1930 até a década de 1950 havia, dentre as ciências sociais, o predomínio da circulação da Sociologia, em grande parte repetindo no Brasil o mesmo processo que ocorrera no cenário intelectual internacional. A Ciência Política consistirá na maior parte deste período nas instituições universitárias brasileiras como um apêndice ou da Sociologia (Sociologia Política) ou do Direito (estudo do Estado), passando por uma trajetória semelhante à das Ciências Sociais: começa a se institucionalizar em “cadeiras” de Ciência Política nos cursos universitários e em bibliografia especializada. Neste sentido analisaremos o livro *A Revolução Burguesa no Brasil* (publicado em 1975) de Florestan Fernandes como um momento tanto da institucionalização da Ciência Política no Brasil quanto como um ponto de inflexão na trajetória intelectual de Florestan representada por uma guinada para a discussão sobre temas fortes da Ciência Política. Embora o referido livro tenha como subtítulo ensaios de interpretação sociológica, demonstraremos em nossa análise que embora o método adotado por Florestan seja o da sociologia histórica, o escopo teórico de suas análises neste livro alcança o núcleo duro da Ciência Política ao abordar temas como a natureza do Estado nacional e a forma da democracia, utilizando-se de conceitos como “revolução”, “ideologia”, “liberalismo”, “democracia”, “ditadura”, “despotismo”, “poder” e “autocracia”, dentre tantos outros.

Introdução

Compreender a dimensão política da trajetória e da obra de um intelectual como Florestan Fernandes, cujas atividades acadêmicas se intensificam no final da década de 1940, pressupõe analisar alguns aspectos que remontam ao período de sua formação e mesmo ao cenário político da década de 1930 que teve como frutos duas instituições que marcaram o pensamento da *intelligentsia* paulista da qual Florestan é fruto: a Escola Livre de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo.

Com a Revolução de 1930 e a reação paulista na forma de uma guerra civil em 1932, e a conseqüente vitória do governo de Getúlio Vargas, surge em São Paulo uma nova frente de disputa: do enfrentamento armado para a disputa ideológica (Fausto:

¹⁰⁴ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Ciência Política (PPGPol) da UFSCar, sob orientação da Prof^a Dr^a Vera Alves Cepêda.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

2012; Miceli:1995). Dois projetos intelectuais, frutos de uma aliança da elite econômica e política paulista, são forjados neste processo de reação ao governo federal: a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) é fundada já em 1933, tendo forte inspiração utilitarista inglesa e norte-americana, com a missão de formar quadros capazes de conduzir cientificamente as políticas de Estado (Berlinck: 2006) e, em 1934, é fundada a Universidade de São Paulo (USP), com inspiração no modelo europeu, marcado pela influência de pensadores franceses e alemães, com uma missão mais dilatada de formação de intelectuais capazes de refletir sobre a realidade social e política (Cândido: 2006; Jackson: 2007).

De acordo com Cândido (2006) o período de 1930 a 1945 marca um momento de transição no pensamento político e social brasileiro¹⁰⁵, a qual caracterizará a produção intelectual que se formou no Brasil do final do século XIX até 1930 como *ensaísta* e a produção intelectual que se inicia em 1945 como *cientificista* (Mota: 1977). As duas instituições, ELSP e USP, serão em grande medida as responsáveis pela produção e circulação da vertente *cientificista* do pensamento político e social brasileiro, tendo recebido neste momento de transição uma forte dose de formação acadêmica em teoria e método com professores estrangeiros como Herbert Baldus, Emilio Willems, Donald Pierson, Roger Bastide, Paul-Arbousse Bastide (Cândido: 2006; Jackson: 2007).

A presença desta tradição de pensamento paulista forjada na ELSP e na USP se fará inicialmente de duas maneiras na obra de Florestan Fernandes: por um lado, numa demonstração de domínio metodológico, surgirão suas obras que transitam pela Antropologia¹⁰⁶, por outro lado, sua atuação como assistente na cadeira de Sociologia I na USP exigiu uma outra forma de trabalho com o método, agora na condição de professor, na produção de seus manuais de sociologia¹⁰⁷. Será nos seus manuais que Florestan estabelecerá os pilares do cientificismo no pensamento político e social brasileiro, o que seguirá até meados da década de 1970 como característica distintiva da *escola paulista* (Ianni: 1986; Cohn: 2008).

¹⁰⁵ Para outras informações Cf. Faoro (1994), Weffort (2006) e Brandão (2007).

¹⁰⁶ Podem ser citadas neste bloco as obras *A Organização Social dos Tupinambá* (1949), *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá* (1970b, publicado originalmente em 1952) e *A Etnologia e a Sociologia no Brasil* (1958).

¹⁰⁷ As obras associadas a este momento da trajetória de Florestan Fernandes constituem em sua maioria coletâneas de artigos publicados originalmente nas décadas de 1940 e 1950, e que foram republicadas em *Elementos de Sociologia Teórica* (1970a) e em *Ensaios de Sociologia Geral e Aplicada* (1976a).

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Quando Florestan envereda, no final dos anos 1940, para uma produção de vertente sociológica, o pensamento político e social brasileiro já contava com uma safra de diversas obras com a natureza de manuais de sociologia (Meucci: 2001), evidenciando a circulação das escolas sociológicas norte-americana e europeia entre os intelectuais e as instituições acadêmicas brasileiras já no início do século XX. As escolas antropológicas tiveram uma intensificação de sua circulação no Brasil a partir da década de 1930 com a fundação da ELSP e da USP. Por sua vez a Ciência Política somente começaria a se institucionalizar a partir de meados da década de 1940, com a atuação de Lourival Gomes Machado¹⁰⁸ na USP.

A pesquisa de Roger Bastide sobre relações raciais, e a subsequente entrada de Florestan na mesma, imprimirá na trajetória intelectual deste último a marca do pensamento sociológico como característica marcante nos anos 1950 à frente da cadeira de Sociologia I da USP¹⁰⁹, ao passo que a cadeira de Sociologia II forjou um pensamento político que culminou em 1941 na fundação da cadeira de Ciência Política¹¹⁰ na USP. O pensamento político e social brasileiro deste momento estava fortemente marcado pela interpretação histórica do Brasil¹¹¹, diferenciando-se na maioria dos casos das interpretações históricas produzidas em momentos anteriores pela presença da teoria e do método científico.

Interpretação, Diagnóstico e *Intelligentsia*

Retomando a análise sobre a trajetória e a obra de Florestan¹¹², nesse momento de inflexão que se inicia nos primórdios da década de 1960, tendo como perspectiva analítica a relação entre texto e contexto¹¹³, notamos um reposicionamento teórico de

¹⁰⁸ Lourival Gomes Machado defendeu a primeira tese de doutorado em Ciência Política no Brasil no ano de 1942 na Universidade de São Paulo. Sua tese intitulava-se *Alguns aspectos atuais do problema do método, do objeto e divisões da Ciência Política*, sob orientação de Fernando de Azevedo, na qual, além de demarcar os referenciais teóricos e metodológicos, apresenta também uma proposta de 40 obras de 23 autores que constituiriam o *mainstream* da Ciência Política.

¹⁰⁹ Florestan assume como titular da cadeira de Sociologia I da USP em 1954, mas já vinha atuando como professor assistente há alguns anos.

¹¹⁰ Até este momento a Ciência Política poderia ser considerada basicamente um apêndice da Sociologia (Sociologia Política), da Filosofia (Filosofia Política) ou ainda do Direito (estudos sobre Estado). Cf. Chacon (1977), Forjaz (1997).

¹¹¹ Podemos citar, a título de exemplo, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda; *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior; diversas obras de Gilberto Freyre; *Coronelismo, enxada e voto* de Victor Nunes Leal; *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro, até a publicação de *Formação econômica do Brasil* de Celso Furtado. Cf. Martins (2005: 10).

¹¹² De acordo com Lahuerta (2005) não há consenso sobre a classificação da obra de Florestan Fernandes, havendo contribuições distintas neste sentido, como por exemplo a de Arruda (1995), Freitag (1987) e Mota (1986).

¹¹³ Cf. Skinner (1996; 2000), Pocock (2003), Brandão (2007).

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Florestan, que, se neste momento estava pisando firme na análise sociológica, começa um ciclo de obras com a publicação de *Mudanças Sociais no Brasil* (1960) que se caracterizam pela interpretação histórica e que perdurarão até 1975 com a publicação de *A Revolução Burguesa no Brasil*.

A agenda política e intelectual de meados da década de 1950 até o fechamento do regime político em 1964 girava em torno de temas como *interpretação, diagnósticos, planejamento e democracia*, dentre outros. As teses de Karl Mannheim sobre a *intelligentsia* encontravam acolhida em pensadores de várias vertentes¹¹⁴, como por exemplo em Florestan Fernandes e Celso Furtado, e verificou-se esta recepção não somente no Brasil, neste mesmo período, como também em outros países latino-americanos¹¹⁵. A “escola paulista” tinha agora como concorrentes intelectuais duas novas instituições: a CEPAL e o ISEB (Bresser-Pereira: 2005).

Com isto as obras de interpretação histórica de Florestan deste período poderiam ser classificadas não somente como sendo de natureza sociológica, mas também como sendo de natureza política, pois analisam e discutem temas fortes como a *modernidade e a modernização incompleta*, culminando numa análise mais fina sobre a natureza do *Estado* e da *democracia*, numa tentativa de compreender as especificidades da formação e da trajetória social e política do Brasil na Modernidade. Esta guinada teórica de Florestan, com fortes impactos políticos em sua trajetória intelectual e pessoal, estava sintonizada com outros pensadores internacionais, como exemplifica a publicação em 1966 de *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia* por Barrington Moore Jr., demonstrando que países com trajetórias políticas e sociais distintas entraram para a Modernidade de maneiras diferentes.

Em seguida Florestan traria à tona uma série de publicações bastante alinhadas com este espírito de *interpretação histórica* do Brasil, como se verifica em *A Sociologia numa Era de Revolução Social* (1962), *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento* (1968) e *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina* (1973). Neste sentido verificamos também um acerto de contas com a tradição de interpretação histórica ensaísta das gerações anteriores¹¹⁶.

¹¹⁴ Cf. Lima (2012), Cepêda (2012).

¹¹⁵ Cf. Blanco (2009).

¹¹⁶ Algumas análises apontam para esta conclusão. Cf. Fernandes (1980), Ianni (1986), Voga (1996), Arruda (1996), Almeida (2005), Fernandes, H. (2005).

A dimensão política de *A Revolução Burguesa no Brasil*

O fechamento do regime político no Brasil com o golpe militar de 1964 deixou marcar profundas na trajetória de Florestan, dentre as quais poderíamos citar a sua aposentadoria compulsória da USP e o seu exílio, principalmente no período em que atuou como professor no Canadá. A publicação em 1975 de uma série de trabalhos que vinham sendo produzidos desde os anos 1960, em *A Revolução Burguesa no Brasil*, deixa transparecer não somente um retorno ao tão criticado estilo *ensaísta*¹¹⁷, como também uma retomada mais profunda de temas fortes da Ciência Política:

Florestan Fernandes se abriu para as temáticas abrangentes e propriamente políticas, e para a ideia de um Brasil de referência, uma sociedade inteira marcada por tensões e contradições estruturais, sobretudo a partir do trabalho de seus assistentes, de que foi orientador e interlocutor.” (Martins, 2005: 13)

Outro grupo de intelectuais da USP, estes mais ligados à filosofia e liderados por Giannotti (Lahuerta: 2005), havia começado a discutir metodologicamente as teses marxistas, e, neste sentido, Martins (2005) diz que *A Revolução Burguesa no Brasil* pode ser compreendida não somente como um ponto de inflexão teórica na trajetória de Florestan, mas também como um duplo acerto de contas: em primeiro lugar com a tradição de intérpretes do Brasil que remonta ao final do século XIX, e, em segundo lugar, com uma tradição de intérpretes marxistas do Brasil dos anos 1950 e 1960.

No momento da publicação de *A Revolução Burguesa no Brasil* a Ciência Política já começara a se institucionalizar e se autonomizar no país¹¹⁸, tanto com a criação de cadeiras específicas nas universidades, a defesa de teses de doutoramento e também com a circulação de obras internacionais e a produção de uma bibliografia especializada nacional. Não somente pela proximidade temática e conceitual, mas também pela própria natureza da análise operada por Florestan nesta obra, e pelo diálogo crítico com o *desenvolvimentismo*, podemos compreendê-la como sendo:

¹¹⁷ O subtítulo de *A Revolução Burguesa no Brasil* atribuído por Florestan foi “*Ensaaios de interpretação sociológica*”. Em poucas ocasiões Florestan classificou seus trabalhos como *ensaaios*, estilo bastante criticado por ele próprio num primeiro momento de sua produção acadêmica, fortemente marcado pelo espírito cientificista. Em 1953 publicou *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia* e alguns anos depois, em 1960, publicou *Ensaaios de Sociologia Geral e Aplicada*, sendo os únicos três registros em que Florestan utilizou o termo “ensaio” no título de seus trabalhos.

¹¹⁸ Se nos anos 1930 houve um predomínio forte do pensamento político e social brasileiro na “escola paulista”, principalmente em decorrência da existência das duas instituições acadêmicas fortes, no caso a Escola Livre de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo, e nos anos 1945 a 1964 foram marcados por uma polarização da “escola paulista” com outras instituições como o ISEB e a CEPAL, a partir do golpe militar de 1964, a Ciência Política conta com dois outros novos centros intelectuais: o DCP (Departamento de Ciência Política) da UFMG e o IUPERJ.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Coerente com suas convicções políticas, nosso sociólogo nunca foi desenvolvimentista. Ao contrário, sempre manteve uma perspectiva crítica do desenvolvimentismo (elaborou ainda nos anos 60 o conceito de heteronomia), e nos anos 70 publica um dos seus textos clássicos – *A revolução burguesa no Brasil*, com análises por ele realizadas nas décadas de 60 e 70, após o golpe militar. Neste livro emerge toda a elaboração de Florestan sobre as possibilidades históricas revolucionárias do Brasil, onde mostra como a revolução burguesa levou a uma transformação capitalista da nossa sociedade, mas não a uma revolução nacional democrática, uma vez que a sociedade paralisou a revolução nacional porque o excedente econômico foi monopolizado pela elite, fazendo com que o capitalismo de Estado exercesse funções diretas e indiretas de proteção, fortalecimento e expansão do capitalismo privado, gerindo amplos setores econômicos como se fossem privados. À época já assinalava Florestan como a então tida como a terceira fase do capitalismo oligopolista nada mais é do que a forma de imperialismo inerente a esse tipo de capitalismo, e por isso mesmo terrivelmente dura, se fazendo manifestar nos países periféricos por meio do fortalecimento de ‘governos duros e de direita.’” (COHN, 2008: 10-1)

Desta maneira podemos compreender as teses apresentadas por Florestan em *A Revolução Burguesa no Brasil* como interpretações históricas da formação política e social do Brasil, em que são recolocados temas como o das *possibilidades históricas* e o caráter das *transformações políticas e sociais*. Se por um lado as idiossincrasias nacionais são ressaltadas, por outro lado a análise comparativa não nega a existência de uma *racionalidade* da burguesia nacional ao operar as transformações que levariam o Brasil a uma transição semelhante àquela em que os países europeus e os Estados Unidos passaram ao adentrarem na Modernidade. Todavia, as peculiaridades da formação política e social nacionais e o tempo histórico diferenciado daquele das *revoluções burguesas* dos países centrais, com mais de um século de intervalo, fizeram com que os *atores políticos* brasileiros tivessem que lidar com uma realidade econômica, política e social bastante desvantajosa em relação àquela em que já se encontravam os países centrais no começo do século XX.

Concluimos, portanto, que a análise de Florestan em *A Revolução Burguesa no Brasil* parte da interpretação histórica da formação social do país, passando pelos processos políticos e econômicos que levaram a burguesia brasileira a desenvolver uma *racionalidade* própria como uma *opção histórica* possível para se inserir na divisão internacional do trabalho no início do século XX, chegando, por fim, a temas fortes da Ciência Política (Estado, disputas ideológicas, dominação, imperialismo, autoritarismo, totalitarismo, autocracia, democracia) para compreender as alianças operacionalizadas pela burguesia nacional que culminaram no golpe militar de 1964.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. *A revolução burguesa na obra de Florestan Fernandes*, Revista Versões, ano 01, n. 01, 2005.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola paulista de sociologia”*. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: ANPOCS, 1995.
- _____. *Arremate de uma reflexão: a revolução burguesa no Brasil de Florestan Fernandes*, Revista USP, n. 29, 1996.
- BERLINCK, Manoel T. *A criação da ELSP*. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A. & SIMÕES, Júlio Assis. *A Escola Livre de Sociologia e Política – Anos de Formação: 1933-1953*. São Paulo: Escuta, 2006.
- BLANCO, Alejandro. *Karl Mannheim en la formación de la sociología moderna en América Latina*, Estudios Sociológicos, Colégio del México, v. 27, n.80, 2009.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *Linhagens do Pensamento Político Brasileiro*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Do Iseb e da Cepal à Teoria da Dependência*. In: TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *Intelectuais e Política no Brasil: a experiência do ISEB*. São Paulo: Revan, 2005.
- CÂNDIDO, Antonio. *A sociologia no Brasil*. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, v. 18, n.01, 2006.
- CEPÊDA, Vera Alves. *Entre a Economia e a Política – os conceitos de periferia e democracia no desenvolvimentismo de Celso Furtado*, Sinais Sociais, Rio de Janeiro, v. 07, n.19, 2012.
- CHACON, Vamireh. *História das Ideias Sociológicas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo; Edusp, 1977.
- COHN, Amélia (org.). *Florestan Fernandes – encontros*. São Paulo: Azougue, 2008.
- FAORO, Raymundo. *Existe um pensamento político brasileiro?* São Paulo: Ática, 1994,
- FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.
- FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- _____. *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1958.
- _____. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1968.
- _____. *Elementos de Sociologia Teórica*. São Paulo: Editora Nacional; Edusp, 1970a.
- _____. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Pioneira; Edusp, 1970b.
- _____. *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1976a.
- _____. *A Sociologia numa era de revolução social*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1976b.
- _____. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.
- _____. *A revolução burguesa no Brasil – ensaios de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2005.
- _____. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. São Paulo: Global, 2009.
- FERNANDES, Heloísa. *Chaves do exílio e portas da esperança*, Revista Versões, ano 01, n. 01, 2005.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. *A emergência da Ciência Política no Brasil: aspectos institucionais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 12, n. 35, 1997.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

- FREITAG, Bárbara. *Democratização, Universidade e Revolução*. In: D'INCAO, M. A. (org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. Unesp, 1987.
- IANNI, Octávio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Ática, 1986.
- JACKSON, Luiz Carlos. *Gerações Pioneiras na Sociologia Paulista (1934-1969)*. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, v. 19, n.01, 2007.
- LAHUERTA, Milton. *Em busca da formação social brasileira: marxismo e vida acadêmica*, Perspectivas, n.28, 2005.
- LIMA, Marcos Costa. *Uma concepção de mundo em Celso Furtado: ciência e perplexidade*. In: LIMA, Marcos Costa e DAVID, Maurício Dias (orgs.). *A atualidade do pensamento de Celso Furtado*. São Paulo: Verbena, 2008.
- MARTINS, José de Souza. *Prefácio à quinta edição*. In: FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil – Ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2005.
- MEUCCI, Simone. *Os Primeiros Manuais Didáticos de Sociologia no Brasil*. Estudos de Sociologia, v. 06, n. 10, 2001.
- MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: ANPOCS, 1995.
- MOORE JR. Barrington. *As origens sociais da ditadura e da ditadura e da democracia*. Lisboa: Edições 70, 1966.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1977.
- _____. *As Ciências Sociais na América Latina: proposta de periodização (1945-1983)*. In: MORAES, R.; FERRANTE, V. B. (orgs.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- POCOCK, J. G. A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.
- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Significado y comprensión de la história de las idéias*, Prismas, Universidad de Quilmes, n. 04, 2000.
- VOGA, Cláudio. *Evocações na contramão*, Revista USP, n. 29, 1996.
- WEFFORT, Francisco C. *Formação do Pensamento Político Brasileiro*. São Paulo: Ática, 2006.